

# ORIGEM, CONTOS POPULARES, CULTURA E EDUCAÇÃO DE JARAGUÁ

SEABRA, Débora Natana

## Resumo:

Será abordado à origem da cidade de Jaraguá, como também os primeiros registros de sua população, cultura, atividades econômicas, seus contos populares e suas histórias, e por fim será explanada com maior ênfase a educação rural na época da colonização de Jaraguá.

**Palavras Chave:** Educação rural, Cultura de Jaraguá, Atividades econômicas.

## 1. Introdução:

Este artigo apresenta os primeiros registros da cidade de Jaraguá, expondo relatos da época da exploração do ouro, o período dessa exploração, o fator econômico, a decadência do ouro, tal como a população da época, o período em que se destacou a agricultura e o surgimento das primeiras confecções em Jaraguá que desde então passou influenciar mais confecções na cidade. Faz uma breve descrição da cultura da cidade, mostrando uma população do tipo rural porem solidaria e espontânea valorizando a família.

Assim como a importância dos contos populares na área da educação infantil, mencionando os contos de forma bem tradicional e simples, dentre eles destaca-se: Tereza Bicuda, O cadáver de Zé Alves, Um caso de mistério, A vaca misteriosa, A enchente, A raposa e o Lobo, O macaco, A onça e o coelho, A história do lobo entre outros. Descreve algumas festas tradicionais da cidade como a festa do peão comemorando o aniversário da cidade, a festa do Divino Espírito Santo, e o Carnaval.

No que se refere a educação, reuni registros da educação no período de colonização, as pessoas que podiam ter acesso a essa educação relativamente ao período da educação para meninos regida primeiramente por professor do sexo masculino, seguidamente por professoras e a educação para meninas frisando como era a educação, onde era feita e os períodos dessa educação. Continuado pelo período da educação formal que contribuiu para o

desenvolvimento do povoado que mais a frente se faz cidade, período no qual o ensino público ganha a forma de ensino primário.

## **2. Origem e História de Jaraguá**

A cidade de Jaraguá surge a partir da exploração do ouro no século XVIII como arraial do Córrego de Jaraguá, que em seguida tornou-se Vila de Jaraguá, pertencente ao município de Meia Ponte (antigo nome de Pirenópolis), vindo então a ser emancipada somente em 1882. Entretanto, as informações históricas que referem à cidade Jaraguá no século XVIII são escassas, principalmente no período entre a sua fundação até o ano de 1770, pois a documentação escrita e a memória popular não se coincidem acerca do início da exploração do ouro e o estabelecimento do antigo arraial.

Sendo assim, os primeiros registros da população de Jaraguá que se tem por concreto é sobre o povoamento colonizador que iniciou em 1737, quando negros faiscadores, possivelmente foragidos, encontraram ouro no ribeirão Jaraguá. As minas de ouro em Jaraguá foram fortemente exploradas no século XVIII tornando assim um importante fator econômico de exploração até as primeiras décadas do século XIX.

Já no século XIX, mais precisamente a partir de 1819, houve a decadência do ouro, porém as minas não se esgotaram totalmente, no que segundo Saint-Hilaire (1944), “ainda havia cerca de 40 pessoas, entre homens livres e escravos na extração do ouro. A agricultura e a criação de gado e vários engenhos de açúcar já ocupavam um cenário na economia do povoado”.

E somente em 1941 até 1944, com a construção da Estrada Rodoviária da Colônia Agrícola, Jaraguá voltou a ser novamente restaurada com seu prestígio inicial. A agricultura se destacou neste período, pois propiciou então um novo surto de crescimento na cidade, amplamente facilitado pela nova rodovia, que garantia um perfeito escoamento da produção local, e o acesso aos principais mercados, não somente do estado como de todo o país.

E ainda, segundo Leite e Oliveira (2007), “a origem da atividade de confecções iniciou-se em Jaraguá na década de 1970, pela família Pereira da Silva, a qual fundou SHARKS CONFECÇÕES. O que levou a influenciar

outros empreendedores da região a investir e operar no campo de confecções. O marco da expansão dessa atividade ocorreu no fim da década de 1980”.

No final dos anos 1980, várias confecções de Jaraguá iniciaram o processo de pirataria. Confeccionavam peças com etiquetas de grifes famosas (Zoomp, Fórum, dentre outras). A mídia nacional, por pressão de empresas que se sentiram ameaçadas pelo alto percentual de falsificação na cidade, publicou uma série de matérias [...] o objetivo era expor os falsificadores e diminuir sua produtividade. Entretanto, ocorreu o contrário. Houve um aumento de clientes que buscavam tanto as marcas falsificadas, quanto as marcas próprias, ou mesmo, formas de terceirização de produção, uma vez que a mão-de-obra era de baixo custo e experiente. (LEITE e OLIVEIRA, 2007, p.700).

Nesse contexto, muitos outros contribuíram para o desenvolvimento de Jaraguá, entre esses podemos citar: posição geográfica, criação das escolas da rede pública de ensino e a religião.

A sua posição geográfica foi de significativa importância para o seu desenvolvimento. Situado a oeste da vila boa, capital da capitania de Goiás, Jaraguá configurou-se como entreposto comercial para viajantes, mascates e tropeiros vindos de Minas Gerais e São Paulo, fortalecendo assim o seu comércio em outras regiões. (CASTRO, 1998, p.42)

Nesse sentido, a cidade de Jaraguá tem crescido e se desenvolvido muito desde então e é uma grande referência no âmbito de confecções.

### **3. Cultura e contos de histórias de Jaraguá**

A Comunidade Jaraguense pode ser considerada uma comunidade do tipo rural, rica em solidariedade humana por seu comportamento tradicional e espontâneo, a família é uma unidade e contribui na ação cultural e social da cidade, No que refere sobre a religião o sagrado sobrepõe aos atos profanos, os costumes sociais dessa comunidade são os tradicionais, somente a o que mudou no decorrer dos períodos da cidade de Jaraguá foram as relações econômicas prevalecendo a economia de mercado.

A cidade de Jaraguá desfruta de vários festivais, entre eles estão: a Festa do Divino Espírito Santo, trazida pelos portugueses, e representam a luta entre mouros-árabes de religião muçumana, que invadiram a Península Ibérica

em 1711, e cristãos, que os expulsaram em 1139, tal festa é uma verdadeira aula de cultura.

A Festa do Peão, que acontece em 29 de julho, comemorando o aniversário da cidade. O carnaval que reúne pessoas de várias localidades do país, sendo reconhecida como uma das festas mais tradicionais do Estado de Goiás, e por último a festa de Folias no começo do mês de janeiro, em vários pontos do município.

Contudo Jaraguá também é conhecida por seus contos populares, que dos quais são: O cadáver de Zé Alves, Um caso de mistério, A vaca misteriosa, A enchente, A raposa e o Lobo, O macaco, a onça e o coelho, A história do lobo, Maria Borradeira, O verde pássaro louro, Branca de Neve, Sabina, A fuga da princesa e a História de Pedro Malazarte. Os contos da cidade podem ser encaixados junto aos demais conteúdos infantis uma vez que ao contar histórias de sua cidade, cria-se um caminho mais interessante de adquirir conhecimento, com uma forma mais tradicional e objetiva, elevando sua criatividade e interesse.

*“Tereza Bicuda”* era uma aberração social, descrente e nunca visitava a igreja, a protuberância de seus lábios mal feitos deu-se o apelido de bicuda, trabalhava aos documentos para que o povo vice que não respeitava as tradições eclesiásticas. Era uma ofensa a consciência das velhas beatas, que diariamente frequentava as igrejas e capelas de Jaraguá. Os homens não a temiam, mas desprezavam. Um dia Tereza Bicuda morreu. Nenhuma lagrima surgiu de algum olho cristão. Não merecia lagrimas quem não soube viver e não chamou o padre no seu último momento. Era costume colonial enterrar os defuntos no interior das igrejas. Não havia ainda cemitérios em Jaraguá, a capelinha do rosário sempre foi a depositaria dos corpos pobres que não podiam ter luxo de serem enterrados dentro da matriz. Na capelinha do rosário foi então enterrado o corpo indesejado, sem cerimônia preliminar. Por três noites consecutivas, ao soar da meia noite, a população ouvia medrosos os gritos que solta Tereza Bicuda, pedindo que retirasse seu corpo de dentro da capelinha. Ali não era seu lugar na morte como não foi em vida. Ao final do terceiro dia a meia noite em ponto, Tereza Bicuda saiu do seu túmulo e percorreu as ruas quietas da vila, gritando desesperadamente. O terror gelava os que a ouvia daquela noite em diante os notívagos viam sempre surgir lá no

fim da rua o imenso vulto branco a correr deixando cair das suas vestes sujas, línguas de fogo que enchiam o ar de cheio desagradável de enxofre por onde passava iam ficando os vestígios do seu pecado. O povo quis pôr fim ao martírio que viam sofrendo e os homens mais corajosos da vila exumaram Tereza Bicuda e levaram o seu corpo já em vermes para a Serra de Jaraguá e um lugar pedregoso o jogaram um forte cheiro de enxofre encheu o ar e no local nunca mais brotou uma planta sequer, mas também Tereza Bicuda não aterrorizou com seus gritos a tranquila população Jaraguense.

*“O Cavaleiro da Rua das Flores”* um menino de nome João morava com sua avó na rua das flores em Jaraguá foi ela quem o criou, quando ele ficou rapaz, quis se mudar porque queria ter liberdade os velhos não gostavam que ele ficasse até tarde na rua, em frente à casa de sua avó tinha uma casa que era assombrada de um pessoal que morava na roça, então ele resolveu alugar um cômodo um quarto dessa casa e ficou dormindo lá, o povo vivia dizendo pra ele, você ainda vai ver assombração nessa casa. Ele dizia: “Não acredito nessas coisas”. Então responderam: “Tem um cavaleiro que vem e desse ai na porta, o cavalo vem ferrado e tudo, você ainda vai ficar com medo”. Por não acreditar ele continuou nessa casa. Quando um dia na época de quaresma ele chega da rua abre a sala e entra no seu quarto, naquele tempo não tinha luz em Jaraguá ele acendeu uma vela e, pois em uma cadeira na cabeceira da cama estando sem sono pegou um livro para ler já que era um professor em Jaraguá, pegou um romance e foi ler, distraído com a leitura nem lembrou da assombração nesse tempo ele viu o cavalo velho fazendo barulho e entrou na calçada, ele então escutou o cavaleiro descer arrastando a espora ele tinha certeza que a porta estava trancada pois tinha acabado de fechar e o cavaleiro continuava a arrastar a espora entrando pela casa a dentro. Ele pensou: “Ele vem aqui no meu quarto” então ele abriu a janela correu, e foi para casa de seu compadre que ficava perto da casa que morava na Rua das Flores chegou lá somente de cueca chamando o seu compadre, então seu compadre levantou na carreira abriu a porta e viu que ele estava com os olhos arregalados de medo, entrou e disse: “O Cavaleiro está lá, entrou lá dentro de casa, não chegou a entrar no meu quarto, mas ouvi o arrastar da espora dele o cavalo até soprou na porta ouvi o barulho da ferradura batendo na pedra”. Contou ainda que pensou na hora “vou sair daqui por que seu ficar ele vem no meu quarto” a

casa de seu compadre era pequena, não tinha mais uma cama para dar para ele nenhuma rede. O compadre disse assim: “Vamos lá João”. Foram lá pegar o colchão dele, chegando lá a porta estava trancada a janela aberta, abriram a porta, pegaram o colchão, fecharão a janela e a porta e vieram embora. Nesse dia ele dormiu na casa de seu compadre, desse dia em diante não quis mais pousar naquela casa, voltou para casa de sua avó e largou de farra. Muita gente andou vendo esse cavaleiro descendo nessa casa dizem que era o marido da mulher que morava lá falam ainda que esta mulher não era assim muita seria o marido morava na fazenda e vinha a noite para ver se ela estava andando corretamente, então quando ele morreu ficou assombrando a casa.

“*A procissão dos Mortos*” no lago do Rosário em Jaraguá morava uma mulher que ficava sempre na janela para vigiar a vida dos outros e falar da vida alheia. Essa mulher só vivia falando, olhando e murmurando. Falando de um de outro de moça de tudo. Entardecia e ela continuava na janela, chegava a noite todo mundo ia dormir e ela continuava na janela até meia noite explorando o tempo, dizem que quando ela estava na janela passou bem em frente uma procissão, era uma procissão muito grande, ela ficou olhando um olhando outro mas não conhecia ninguém, quando então saiu dessa procissão uma moça, chegou perto da janela e disse: “olha dona a Senhora pega essas velas, quero que a senhora guarde para mim até amanhã, quero que me entregue elas amanhã nessa mesma hora”. Então ela pegou as velas mas ficou receosa por que não estava reconhecendo ninguém daquela procissão, depois que a procissão acabou ela foi olhar as velas e percebeu que era osso da canela de defunto, ela ficou muito nervosa e não conseguiu dormir à noite toda pensando e imaginando que tinha que devolver os ossos, na noite seguinte ficou lá na janela com as “velas” na mão a moça que havia entregado as velas aproximou dela e disse “Olha, escute aqui isso e uma procissão de mortos, essas velas são ossos de quem já morreu, não fique mais na janela vigiando a vida dos outros por que isso é muito feio, é muito ruim, é até pecado.

“*Mane Criatura*” um homem contava que viu um homem virar lobisomem. No tempo dele existia lobisomem hoje ninguém fala mais em lobisomem. Naquele tempo gente virava lobisomem, ficando com as orelhas muita grande e os dentes cresciam. Gente que aprontava muito depois virava lobisomem. As pessoas que comiam carne na sexta-feira ou na quarta-feira da semana santa

eram pessoas desonestas que fazia coisas que não presta e viravam lobisomem, em Jaraguá tinha um homem o chamavam de mane criatura diziam que ele virava lobisomem que ele saia à noite catando e comendo porcaria cocô de galinha e essas coisas, no dia seguinte ele amanhecia amarelo, descontente e doente. Um dia o homem que morava nas ruas das flores juntou outras pessoas e disse: “Hoje nós vamos tirar esse tal de lobisomem”. Pegaram um laço e levaram e foram atrás dele. Mane Criatura saiu de casa e desceu pra banda do Rio Vermelho em Jaraguá. Chegando lá passando um tempo virou um lobisomem. O homem disse que não ficou com medo, eles estavam escondidos em uma moita viram aquilo e pegaram o laço e jogaram e o laçaram. Levando-o para casa foram arrastando o lobisomem amarrado no meio, ele urrava rolando na poeira, mesmo assim eles continuaram puxando até um curral que tinha na sua casa, naquele tempo na Rua das Flores quase não tinha casa então amarram em um tronco de amarrar bezerro no meio do curral, depois disso foram dormir, quando foi no outro dia foram ver o que havia acontecido com o lobisomem. Ele havia desaparecido a semelhança de bicho era o Mane Criatura estava lá, nú e amarelo estendido no chão. Desse dia em diante nunca mais virou “O bicho”.

#### **4. Educação**

É possível notar que os estudos na cidade de Jaraguá no período em que Saint-Hilaire esteve, que somente pessoas de grande importância e poder aquisitivo tinha acesso à educação, mas abandonavam os estudos em pouco tempo por ser um número pequeno de pessoas para buscarem o conhecimento. Saint – Hilaire (1944) afirma que:

“Seja como for, as pessoas dessa província, que se entregaram a alguns estudos, como o capelão de Jaraguá, a abandonara-os em pouco tempo, porque são em número insignificante. Se um homem instruído for arremessado a qualquer das povoações de Goiás não encontrará ninguém com quem possa cultivar os seus gostos e ocupações favoritas; se encontrar dificuldades, ninguém o poderá ajudar a vencê-las, e jamais a emulação sustentará a sua coragem; perderá pouco a pouco o gosto pelos estudos que faziam a sua felicidade (SAINT-HILAIRE, 1944, p.64).”

No início da colonização de Jaraguá a parte culta da sociedade era representada pelos padres com suas noções de teologia, filosofia, gramática, retórica e alguns com cultura humanista. Por volta da década de quarenta era comum a mestra ensinarem seus alunos em enormes varandas de suas casas. Um retrato de 1942 mostra a casa da mestra Judite em Jaraguá, na varanda de sua casa em meio dos alunos, como um posicionamento de autoridade e importância para com eles, a casa reunia meninos e meninas de diferentes idades em uma mesma série, característica do ensino rural que por muito tempo predominou na região de Goiás, a foto traduz a prática escolar na área rural, indicando as condições em que acontecia a educação. Professores do sexo masculino em sua maioria, crianças de várias idades, reunidas com seus pés descalços, essas escolas geralmente reuniam alunos da mesma família. As mulheres aparecem nas imagens a partir da década de sessenta e setenta.

A educação formal contribuiu para o desenvolvimento do arraial de Jaraguá e estruturação da comunidade com a criação das escolas das primeiras letras no ano de 1831, é nesse ano que se tem a primeira notícia de educação em Jaraguá. Em 1872 ao ser elevado à categoria cidade o ensino público de Jaraguá ganhou uma nova forma de ensino denominada de instrução primária.

Neste contexto ao concluir o artigo, fica claro que o período em que colonizou Jaraguá se destaca pela produção aurífera, o que trouxe várias pessoas para a cidade. Tem explícitos os relatos do viajante Saint-Hilaire em sua viagem de conhecimento de território, realizando pesquisas e explorações no período do Brasil colônia nos anos de 1816 e 1822.

Pode-se dizer então que a população de Jaraguá é considerada uma população solidária com suas culturas e tradições, que valorizam a religião e a família, seus contos são um marco histórico da população, a educação sofre alterações e ganha força a partir de 1872.

## **5. Referências Bibliográficas**

RODRIGUES, Anderson Brito; ARAÚJO, Jaqueline. Desenvolvimento histórico da instrução pública em Goiás. Disponível em:

[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada9/ files/mmAtFVAO.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada9/ files/mmAtFVAO.pdf). Acesso em 20 de jun. 2018.

SAINT HILAIRE August. Viagens as nascentes do rio São Francisco e pela província de Jaraguá 2º vol., Brasilianna Eletrônica. Goiás,2,1-8, abril 2018.

GUEDES, Luiza Maria et al. A folia do Divino e identidade cultural: o caso da comunidade de Jaraguá em Goiânia. 2003.

DE FREITAS, Lúcia Gonçalves. Cenários da memória e identidade goiana: o caso de Jaraguá. 2004 Disponível em:

[http://www.cdn.ueg.br/source/jaragua/conteudoN/4136/livro\\_1\\_Cenrios\\_da\\_Memoria\\_e\\_Identidade\\_Goiana.pdf](http://www.cdn.ueg.br/source/jaragua/conteudoN/4136/livro_1_Cenrios_da_Memoria_e_Identidade_Goiana.pdf). Acesso em 20 de jun. 2018.

JARAGUÁ GO. História de Jaraguá GO. Portal cidade, Disponível em: <http://www.jaraguago.com.br/historia.php#.Wy24mIVKjIU>. Acessado em: 16 de Jun. de 2018.

PEDROSO, Dulce Madalena Rios, Jaraguá: a Formação de um povoado. **Revista do IGPA**, v.3 o. 182-196, 1999.

SEIXAS, Flavio, H. S. PARANAIBA, Adriano C. Jaraguá/GO: Um caso de território? ,2013, Disponível em: [www.imb.go.gov.br/down/conjuntura25.pdf](http://www.imb.go.gov.br/down/conjuntura25.pdf)  
Acesso em: 20 de jun. 2018.

VALADARES, Ione Maria Oliveira. Histórias populares de Jaraguá: Tereza Bicuda. Goiânia: UFG, 1983. Disponível on line na Biblioteca dos saberes jaraguenses:

[http://jaragua.ueg.br/conteudo/3628\\_biblioteca\\_dos\\_saberes\\_jaraguenses](http://jaragua.ueg.br/conteudo/3628_biblioteca_dos_saberes_jaraguenses).

Acesso em 23 de junho de 2018.